

Gramineas



Caio Porfírio Carneiro

O autor, de longa carreira literária, mais de vinte livros publicados, nos gêneros: conto, novela, romance, reminiscência, pesquisa histórica e literatura infanto-juvenil, vários prêmios ganhos, participante em mais de duas dezenas de antologias de contos, com trabalhos divulgados em seis idiomas, lança agora estas *Gramíneas*.

Como numa partida de futebol, divide o livro em dois tempos e um intervalo. No primeiro tempo, reúne uma série de contos curtos, escritos um por dia, como num diário, num período de férias. No intervalo, vão uma ficção curta e uma mais longa. No segundo tempo, traz para o "campo" gêneros

variados, de épocas diversas, num seguimento bem humorado.

Alguns trabalhos foram publicados em suplementos e revistas literárias. Outros permaneceram inéditos. Mas todos sem perda de qualidade.

Como diz o autor: "Se Machado de Assis, que era Machado de Assis, publicou suas 'páginas recolhidas', por que eu não posso reunir as minhas "gramíneas", bem mais recentes?"

O que vai aqui é de fino trato, até nos momentos mais humorados. Pinceladas leves e visão de conjunto da vida literária do autor, de fortuna crítica alentada e invejável.

Gramíneas ao vento
tão leves se vão...
Será que retornam
ao meu coração?

UBE
& SCORTECCI

ISBN 85-366-0703-3



9 788536 607030

Caio Porfirio Carneiro

Gramineas

Copyright© Caio Porfírio Carneiro

4130/1 – 250 – 100 – 2006

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor,
proprietário do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Caio Porfírio, 1928-
Gramíneas / Caio Porfírio Carneiro. --
São Paulo : Scortecci, 2006.

ISBN 85-366-0703-3

1. Contos brasileiros 2. Poesia Brasileira
I. Título.

06-5766

CDD-869.93

-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira	869.93
2. Poesia: Literatura brasileira	869.91

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefax: (11) 3032-1179 e (11) 3032-6501

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

www.asabeca.com.br

I

PRIMEIRO TEMPO

Diário Ficcionalado

Estes textos curtos – gramíneas mal germinadas – escrevi, um por dia, no período das minhas férias, em Fortalea, de 6 a 29 de setembro de 2004. O primeiro, no avião, na ida; o último, no avião, na volta.

Vão como vieram, na rapidez da esferográfica, num livrinho de anotações. Porque escrevi o primeiro, então escrevi o segundo, o terceiro... Não me disciplinei para escrever um por dia. Foi por acaso. Como num diário. Daí o título – *Diário Ficcionalado*. Fui tomando gosto, dia após dia, e estas historinhas nasceram. A jato.

Não vieram do restolho, do segundo tempo, exumados quase todos também em Fortaleza, nas férias anteriores, em novembro de 2003. Nem por isto deixam de ser gramíneas, de uma floração literária mais nova, bordejando o *conto* e a *crônica*.

Se não receberem a bênção dos deuses, receberão a minha.

É o eterno sofrer.

É o eterno fascínio.

É o eterno aprender.

“... se achares útil o que escrevi, ficarei muito satisfeito.”

Tucídides (400 a.C.)

GRAMÍNEAS

*“Sim, bem difícil é esse vasto aprender,
mas o fazemos, sem alegria,
todos os dias, desde o amanhecer”.*

Artur Eduardo Benevides

*“Contar segredos
às águas claras
onde há cardumes
de conchas raras.”*

Francisco Carvalho

Neutros

Ela olhava para ele, ao lado. Não se falavam. O vôo era sereno e aquele barulho monótono dos motores lhes dava uma quietude de sonolência. Poucas pessoas a bordo. Muitas poltronas vazias.

Ela olhava lá para baixo, distante, pela janelinha. Concentrada em nada. Um tanto tensa.

Ele neutro, olhos meio fechados. Mas ou menos da mesma idade dela.

Serviram-se do lanche que a comissária ofereceu. Ela devolveu logo a bandeja. Ele permaneceu mais um pouco de tempo bebericando o seu refrigerante.

O avião seguia o seu rumo. E a neutralidade dele e dela, nele e nela, continuava. Como se não existissem, ali lado a lado.

Na descida, ele apenas soltou, cortesmente:

— Até logo.

— Até.

Não se viram mais.

Ele se arrependia, vez ou outra, de não ter puxado conversa. Poderia ter sido o começo de uma amizade ou de algo mais além.

Ela também se arrependia.

(Voando pela TAM, entre Brasília e Fortaleza, 6/09/2004, às 12:20 hs).

Aflicção

Ela olhou e viu o garoto, poucos anos, encanchado na janela escancarada, no prédio de apartamentos, em frente. Cavalgava. Afligiu-se, pôs a mão na boca, dilatou as órbitas:

— Meu Deus.

O homem, velho e bamboleante, passava na rua deserta. Ela apontou:

— O garotinho vai cair. Deus do céu. Vai cair.

Ele, passadas lentas, nem olhou:

— Deixa cair. Um a mais... um a menos...

Ela olhou em volta. Gritou. Fez sinais. Ninguém. E o garotinho cavalgando, alegre, no parapeito da janela.

Foi quando duas mãos tiraram o garotinho da janela, trancando-a.

Ela se sentiu aliviada e suspirou.

O homem, velho e bamboleante, passava de volta. Ela não se conteve:

— O senhor não tem alma?

Ele continuou o seu caminho, bamboleante, olhos do chão:

— Um a mais... um a menos...

(Fortaleza, 07/09/2004 – às 9:30 hs)

A Passageira

Ele lia o jornal, junto à janela, no ônibus sacolejante. Poucos passageiros. No ponto de parada ela subiu. Bela, nova, morena, faceira. Sentou-se ao lado dele. Pernas bonitas, coxas de fora. Ele a observava de cima a baixo com o rabo do olho. E como uma aranha vagarosa, a mão dele chegou à perna dela, subiu e alisou-a.

— Tesão.

Ela olhou para ele apavorada, levantou-se, deu sinal, um monte de descomposturas:

— Velho indecente! Quero descer! Pára! Pára! Velho sem vergonha! Louco!

O motorista parou antes do ponto. Ela, antes de descer, fuzilou o olhar de ódio para ele e gritou alto, para todos ouvirem:

— Tarado!

Ele calmamente deixou cair os óculos para a ponto do nariz e suspirou:

— Não sabia, beleza?

Voltou a ler o jornal, comentando:

— Este mundo velho não tem jeito.

(Fortaleza, 8/09/2004 – às 16:20 hs).

Na Feira

O homem sério, na feira, comentava para o homem sério:

— Como pode? Jogar bombas em escolas, em teatros, em restaurantes? Esse terrorismo que avassala pelo munto vai longe.

— É o início de uma terceira guerra mundial, meu amigo.

— Concordo. Mocinhos e mocinhas se matam jogando-se, cheios de bombas, no meio do povo.

— E o fanatismo religioso? Uma desgraça.

— Isto é um processo que vem de longe. Os culpados são os países ricos, Estados Unidos à frente, com essa cobiça de deitar as garras nos povos miseráveis e os exaurirem mais e mais.

— Muito disto é consequência do antigo Império Inglês. Veja como dividiram as ex-colônias... Deixaram os curdos sem pátria.

— E o Kueit? Uma barbaridade. Resultado da cobiça pelo petróleo. Aquilo era território iraquiano.

A mulher gorda, escolhendo batatas, virou a cabeça para a mulher magra:

— Ficam falando essas bobagens, perdendo tempo, e ninguém se encomoda com os preços aqui da feira.

(Fortaleza, 9/09/2004 – às 08:30 hs)

Cadeira de Balanço

— Há quantos anos mora nessa casa, seu Astolfo?

— Nesta aqui?

— É.

— Faz tempo.

— E sempre se embalando nessa cadeira, à tardinha, não é?

— É.

— Quando eu era criança e passava aqui em frente sempre via o senhor nessa mesma cadeira, à tardinha, apanhando a fresca da tarde.

— É.

— Viajei e fui morar longe. Estou em passeio de reencontro com o passado distante. Muita coisa mudou, mas este quarteirão é o mesmo.

— É.

— Seus filhos casaram?

— Casaram.

— Fui amigo deles. E a sua mulher, a dona Candoca, como vai?

— Já está no céu.

— Eu não sabia.

— É.

— E a sua oficina de ferragens?

— Fechada. Acabou.

— O senhor ainda está muito conservado.

— Já estou perto de Deus. Já fiz neste mundo o que tinha de fazer.

— Vai levar essa cadeira de balanço com o senhor?

GRAMINEAS

— Se Deus permitir...

Deu mais um embalo vagaroso com o pé e a cadeira de balanço trouxe-me aos ouvidos os rangidos chegados lá da infância, perdida há mais de sessenta anos.

(Fortaleza, 10/09/2004 – às 16:00 hs)

Na Paz de Deus

Ela caminhava apressada, abraçada aos livros e cadernos. Ele parou o carro, desceu o vidro da janela:

— Ei, moça bonita. Esta hora na rua?

— Ôi. Perdi o ônibus, professor. Tenho que tomar outro.

— Entre. Deixo você em casa.

Ela acomodou-se ao lado dele.

— Eu moro...

— Eu sei onde você mora. E os estudos?

— Sua matéria é muito difícil, professor. Aaa...

Não conseguiu articular a exclamação de dor. A pancada na cabeça fora muito forte.

Ele disparou para o bairro afastado. Arrastou-a para a moita fechada, com os livros e cadernos. A folhagem se fechou.

Ouvia-se só os suspiros dele, a respiração apressada.

Saiu da moita abotoando as calças. Entrou no carro, examinou-se, vestiu o paletó. Passou a mão no assento ao lado, algum fio de cabelo, alguma página rasgada de caderno... Nada.

Partiu em velocidade. Chegou em casa, guardou a barra de ferro no porta-malas, entrou. Os filhos dormiam. A mulher dormia.

Escovou os dentes, banhou-se, vestiu a bermuda e a camisa leve, meteu-se na cama ao lado da mulher, abraçou-a, beijou-lhe o pescoço.

— Hoje você demorou mais.

— Muita aula, querida. Durma.

Ela voltou a rressonar.

Ele, sentindo no rosto a carícia dos pelinhos do cangote dela, entregou-se também à paz de Deus.

(Fortaleza, 11/09/2004 – às 9:00 hs).

O Espetáculo

Chuva compacta e ele, àquela hora, em baixo da latada, no bairro distante, onde fora fazer uma visita ao amigo que, delegado como ele, ia ser transferido. Na volta para casa, o carro quebrou. Pelo rádio socorreu-se da rádio-patrolha. Ficou aguardando. Ninguém, muita chuva e pouca luz nos postes.

Avistou, em frente, uma marquise e dois jovens, um casal, imundos, maltrapilhos e abraçados. Pensou em assalto. Apalpou a arma.

A luz caindo sobre a marquise era mais clara. A mocinha fez sinal.

— Dá um dinheiro, tio.

Não sabia que atitude tomar. Ainda pensou em sacar a arma e dar voz de prisão aos dois.

A mocinha, até bonitinha, insistiu e sugeriu:

— Dá um dinheiro, tio. A gente transa aqui pra tu ver. Quer ver a gente transar? Dá uma nota boa?

Indeciso, olhou para os lados. O socorro poderia chegar. Concordou com gesto de cabeça. Se a rádio-patrolha chegasse eles com certeza fugiriam.

Ambos livraram-se dos trapos, sobre eles se deitaram. De onde estava via perfeitamente tudo. Ela gemia e insistia:

— Depois tu dá um dinheiro, tio? Tá gostando de ver?

Palpitava olhando aquele quadro. O moleque não dizia nada, só se esfregava em cima dela. Depois, ele rolou para o lado e ela, ainda nua, estendeu o braço?

— Agora dá o dinheiro, tio.

Automaticamente meteu a mão no bolso, tirou duas cédulas de bom valor, enrolou-as, jogou-as e ela apanhou.

— Obrigado, tio. Se tu aparecer aqui amanhã a gente faz de novo. Tu paga a mesma coisa. Aqui não passa ninguém.

Apanharam os trapos e correram para o matagal, atrás da velha marquise.

Chegou o socorro e ele foi embora.

Voltou no dia seguinte, com mecânico, para trazer o seu carro. Olhou para a velha marquise e palpitou. Viu o matagal, deserto. Casas pobres espalhadas. O amigo morava bem mais além, quase um sítio.

À noite, de carro, voltou ao mesmo lugar. Queria ver novamente o espetáculo. Parou um bom tempo. Ninguém.

Resolveu retornar para casa. Foi quando a rádio-patrolha, silenciosamente, se aproximou e dois policiais traziam, aos bofetões, os dois maltrapilhos, escondidos no matagal. Revoltou-se:

— O que é isto? Soltem os garotos. Vão caçar bandidos. Soltem estas duas pobres crianças.

Mostrou sua carteira de delegado.

— Estou esperando um amigo. Podem ir.

Os policiais soltaram os dois e a rádio-patrolha se foi.

Ele falou baixo para os dois:

— Voltem para a marquise. E podem começar.

Despiram-se e a mocinha não parava de repetir:

— Tu paga bem como ontem, paga?

Confirmou com a cabeça.

Deitaram-se sobre os trapos, ela entregou-se toda e ele deitou-se em cima dela.

— Tu tá gostando, tá? Tu paga bem, paga?

Voltava a confirmar com a cabeça.

O casal transava e ele palpitava, assistindo o espetáculo, fumando nervosamente.

(Fortaleza, 12/09/2004 – às 7:00 hs)

Viver a História

Entrou na igreja e, no silêncio da consagração, as muitas cabeças contritas, abriu os braços e sua voz reboou forte na nave:

— Filhos da puta! Veados! Filhos de um égua!

O padre não se alterou. Continuou no seu ofício religioso. Levantaram-se cabeças, escandalizadas.

Ele, como num palanque, continuava:

— Canalhas! Vão à merda!

Dois guardas apareceram, agarraram-no, puxaram-no para fora do templo.

Um deles olhou-o de cima a baixo, bem vestido, engravatado, escanhado. Admirou-se:

— O senhor é louco?

— Sou um terrorista.

Abriu o paletó, não conduzia arma.

— Também sou um pacifista. Adaptei-me aos tempos modernos.

Os guardas empurraram-no para dentro do carro.

— Você é louco.

Olhou para ambos, desalentado:

— Vocês é que são alienados. Não contribuem, como eu, para o andamento da História.

(Fortaleza, 13/09/2004 – às 8:00 hs).

A Calça

— Tira logo. Rápido. Vai.

Olhou na direção da porta da rua.

— Depressa. Essa tua calça comprida parece grudada ao teu corpo. Tira logo. É o zíper? Porra.

Não tirava os olhos da porta, lá fora, na sala.

— Acabam chegando. Vão demorar? Pois sim. Arranca a merda desse zíper. Também tu te mete nessa calça apertada... Não sei como tu coube nela. Anda. Rápido.

Os olhos grudados na porta da rua.

— Já tou perdendo o tesão. O zíper quebrou? Puta merda. E como é que tu vai descer a calça? Vou te agarrar assim mesmo. Pega uma tesoura. Corta essa merda de cima a baixo. Já está descendo? Então continua. Vai... vai... Que coisa apertada, meu Deus.

Os olhos apavoraram-se:

— Pronto. Chegaram. Vou me abotoar ligeiro. Não falei que a porcaria da tua calça não saía? Te ajeta, rápido.

A senhora bem vestida entrou, acompanhada de uma jovem.

— O quê? De outra vez? Uma porra. Vou embora.

Pegou a bolsa de ferramentas e foi saindo:

— Consertei tudo, dona Lindaura. O cano não está mais vazando. Depois a senhora acerta comigo. Bom dia, dona Mirtes. A sua filha está uma moça bonita, dona Lindaura.

Na rua, sozinho, a descompostura continuou:

— Nem para empregada ela serve. Não sabe nem tirar a porqueira daquela calça idiota...

(Fortaleza, 14/09/2004 – às 12 hs)

O Goleiro

Queria ser goleiro. Todos eles vítimas sem remissão quando cometiam uma falha e a bola entrava. Embora defendessem chutes incríveis, os aplausos das vitórias iam para os que, lá na frente, faziam gols. Mas goleiro queria ser.

Então passou a treinar no campinho perto de casa. Não importava se um dia fosse mais uma vítima, seguindo a lista dos demais.

Ficava no gol e convidava os amigos que apareciam que chutassem a bola para tentar fazer uma grande defesa. Semanas, meses, insistindo em ser um grande goleiro. Perdia até aulas na escola para treinar no campinho.

Por sua insistência, conseguiu a posição de goleiro no time da sua rua contra o time da outra rua. Julgava-se bem treinado na posição.

O seu time ganhou de 1 x 0. Ele defendeu todas, até pênalti.

Depois da partida, os abraços gerais, até de desconhecidos, foram para o atacante que, num chute casual, fez o único gol. Revoltou-se. Falou a um e a outro das suas qualidades. Defendera até pênalti. Mas a resposta de todos era uma só:

— Ah, você é goleiro...

Não conseguia se conformar com a injustiça, esta e as futuras, porque nas partidas seguintes continuou a fazer milagres.

Chegou o dia em que a bola, ligeira, passou-lhe entre as pernas.

Foi alijado do time.

Nunca veio o perdão.

(Fortaleza, 15/09/2004 – às 11:00 hs).

Poesia

- Leu a minha poesia?
- Li. Leu a minha?
- Li. Linda, linda.
- Linda é a tua. Eu quase choro.
- Eu também senti um nó na garganta quando li a tua.
- Deixa eu te dar um beijo de agradecimento.
- Deixa eu também dar um em você.
- Quando é que a gente troca de novo outra poesia?
- Vou fazer outra pra você no fim da semana.
- Eu também.
- Então tchau.
- Tchau.

Caminharam, em sentido contrário, ao longo do quarteirão. Ela conduzindo a sacola de livros e cadernos do colégio. Ele também.

Ele chegou na esquina de cá, ela na de lá. Viraram-se. Ele deu sinal de adeus. Ela também.

O quarteirão ficou deserto.

(Fortaleza, 16/09/2004 – às 18:00 hs).

A Carta

“Minha ex:

Como vai indo? Espero que muito bem. Como vai o teu novo homem? Graças a Deus me livrei de você. Estou levando a vida que pedi a Deus. Não sei como pude suportá-la por tanto tempo. Estou com uma garota do céu, um doce de criatura. Sofri muito nas suas mãos, mas Deus me recompensou. Viva a sua vida e passe muito bem. Estou num céu.

Geraldo”

Pôs a carta no envelope, endereçou, fechou e foi ao correio, não muito distante.

Topou com um amigo.

— Ei, Geraldo, há quanto tempo... Ouvi dizer que você se separou.

— Verdade.

— O que aconteceu? Vocês pareciam tão unidos...

— Coisas da vida, meu amigo. E vou lhe confessar uma coisa: estou num céu. Tchau.

Cortou a conversa e marchou para o correio. Atravessou a rua e diminuiu os passos, sentido lágrimas nos olhos.

Ainda entrou na fila para a postalização. Mas saiu dela, rasgou a carta, jogou-a no lixo.

E voltou para a solidão do seu quarto.

(Fortaleza, 17/09/2004 – às 9:00 hs).

O Achado

Não tinha mais crédito no armazém nem nas bodegas e quitandas do bairro de moradias pobres. Nem com os amigos. Devia a meio mundo. E já correrá a cidade um milhão de vezes à procura de emprego. Qualquer emprego. Nada. Nem promessa.

Passou o conhecido:

— Zeca, me empresta algum. Juro que pago com o primeiro dinheiro que ganhar.

O amigo, a quem também devia, cortou logo:

— Eh, Zico, tou mais duro do que pedra.

Precisava levar alguma coisa para casa. Nem dos vizinhos podia mais se socorrer.

Sentou-se na pedra, debaixo do ficus-benjamim, desalentado, apanhando pequenos seixos no chão e sacudindo a esmo, sem pensar nada.

Viu a cédula, de valor alto, ali a poucos metros, bambeando com o vento. Levantou-se, apanhou-a, olhou-a dos dois lados muitas vezes, sem acreditar. O coração batia. Correu ao armazém, pagou o que devia, levou para casa duas sacolas pesadas e ainda trocados no bolso.

Jogou-as em cima da velha mesa. As crianças se aproximaram, curiosas. A mulher abria as sacolas e abria os olhos:

— Não estou acreditando, Zico.

Ele se estirou na cadeira desconjuntada e, suspirando, fechou os olhos:

— Nem eu.

(Fortaleza, 18/09/2004 -- às 8:00 hs)

A Justiça

Abriu o livro, sentou-se na cadeira, começou a ler. Só começou. O pensamento distante. Jogou o livro sobre a mesa. Foi à janela. Ninguém. Voltou à cadeira de balanço. Pensou em pegar outro livro. Desistiu. Retornou à janela. Ninguém.

Começou a ficar nervoso. Dava voltas na sala, em torno da mesa, parava junto à estante envidraçada, olhava as lombadas dos livros, sem lê-las.

Voltou à janela. Olhou o relógio de pulso, o de parede. E estendia a vista lá para fora, além do oitão, no descampado.

Viu o ponto negro se aproximando. Crescendo. Depois o contorno de uma moto. E a figura conhecida.

— É ele.

Ficou ali parado, mãos no parapeito da janela. Palpitava. O homem descia da moto e se aproximava.

— E então?

— Tudo feito, seu juiz.

— Ninguém lhe viu?

— Ninguém.

— Foi rápido?

— Dei dois, na cabeça.

Meteu a mão no bolso e entregou ao homem o envelope, com conteúdo volumoso:

— Tome. E suma. Não apareça tão cedo.

— Eu sei, seu juiz.

— Vá.

A moto partiu aos papoucos.

Deu duas voltas em torno da mesa, coçando o queixo.

Apareceu a mulher idosa.

— Dona Nazaré, pode providenciar o jantar. Depois volto para a cidade.

A mulher sumiu e ele falou baixinho:

— Não gosto deste lugar. Muito deserto. Até a minha mulher detesta.

Abriu a porta que dava para o gabinete. Continuou o monólogo:

— Só venho aqui para resolver esses casos bestas que duram anos.

Bateu a mão em cima de um processo, guardou-o na pasta. Suspirou.

Voltou, acendeu a luz, fechou a janela.

— Acabou.

Sentou-se à cabeceira da mesa, mãos cruzadas ao queixo, esperando o jantar.

— Dizem que a justiça neste país não anda. Verdade.

Tocou de leve com os dedos nos dentes.

— Comigo anda. Está cheirando, dona Nazaré. Vamos ver o que temos para jantar.

(Fortaleza, 19/09/2004 – às 17:00 hs.)

O Poeta

Sentou-se na sua mesa de trabalho, o computador ao lado. Iria fazer uma poesia para ela. Vira-a uma única vez. Foi o bastante. Ela ia passando. Como era feminina, como era linda... Merecia uma poesia.

Nem pensou no computador. Nele não conseguia escrever poesia. Apenas prosa. Poesia, só à mão, com lápis ou esferográfica.

Afastou papéis, pegou uma folha em branco, a caneta. Rabiscou, rapidamente, o primeiro verso:

“Uma deusa ao sopro da brisa...”

Não gostou. Muito romântico. Muito banal. Jogou o papel no cesto. Pegou outro. Pensou. Veio o primeiro verso. Também não gostou. Foi para o cesto. E para o cesto foram outras e outras folhas amarfanhadas.

O entusiasmo se transformou em tédio. Levantou-se, foi à janela, pôs as mãos nos quadris, virou o corpo para a direita, para a esquerda. Pequeno exercício, que ficara muito tempo sentado.

Lá em frente o bar e amigos. Céu bonito, sol bonito.

Desceu, atravessou a rua:

— Ei, turma!

Pedi uma cerveja.

E meteu-se na discussão, entusiasmado, esculhambando o governo.

(Fortaleza, 20/09/2004 – às 16:00 hs).

A Carteira

Foi até à esquina e voltou. Olhou os carros que passavam, em velocidade, na avenida. Tornou a fazer o mesmo percurso. *Short* e chinelos. Camisa de meia cavada. Peito e sovacos cabeludos.

Uma hora de passeio. Uma hora de exercício. Nada de correria. Apenas aquelas idas e vindas regulares.

Depois, o chuveiro.

Vestiu-se, engratou-se, olhou-se bem ao espelho. Apalpou os bolsos para ver se tudo estava no lugar. Sentiu a falta da carteira. Vasculhou o quarto todo, outros ternos, olhou até de baixo da cama. Afligiou-se:

— Querida, você viu a minha carteira?

Nem tomou café. Rebuliço no quarto, na sala, no jardim, no carro, na casa toda. Nada. Voltou aos outros ternos.

— Você usou este ontem, querido. Não pode estar em nenhum outro.

— Meus Deus. Tudo. Cartões de crédito, documentos, dinheiro... Meu Deus.

Olhava para a mulher, desarvorado. E o pensamento caiu-lhe como um raio: foi ela. Apressou-se para sair.

— Encontrou, querido?

— Não. Acho que deixei no escritório.

Saiu, o carro quase voando, para a casa da bela morena, insinuante, provocante.

— Foi aquela vaca.

Rolara com ela na cama, pela primeira vez, uma tarde inteira. Vira-a parada no ponto do ônibus, ofereceu carona. E agora estava aí a sua mania de pegar mulher na rua.

Chegou à casinha dela, no arrabalde. Bateu na porta e ela, cobrindo-se com o robe, admirou-se de vê-lo àquela hora, tão cedo.

— O que foi, bem?

— O que foi? A minha carteira. Você me roubou, passe já para cá.

Com a negativa dela vieram os muitos socos e pontapés. Sequência tão violenta que a deixou desacordada no chão.

Passou a vasculhar tudo, tudo derrubando. Revirou cama, colchão, guarda-roupa, a casinha inteira.

Apareceu o moço da banca de jornais, ali perto, a carteira na mão:

— O senhor esqueceu dela na minha banca, ontem à tarde, quando comprou aquelas revistas. Vi o senhor saindo daqui. Eu já ia entregar à dona Lina, que mora aqui.

Com o corpo impedia que o moço visse a casa desarrumada.

— Ah, sim... Muito obrigado. Tome uma gorjeta para você. Depois passo na banca para comprar outras revistas.

A mulher sentava-se e, debruçada no colchão revirado, chorava.

Ele sentou-se ao lado dela, beijou-lhe muitas vezes os cabelos. Levou-a até à mesa, na sala do lado. Não parava de beijá-la, os olhos molhados.

— Perdão.

Deu-lhe um cheque alto. Um abraço pelas costas e um beijo longo no rosto.

Início de tudo, que não o afastou mais dela.

(Fortaleza, 21/09/2004 – às 17:45 hs).

O Filho

— Filho. Vem cá. Senta aqui perto de mim.

O menino ali de costas, calado. E ele insistindo:

— Vem, filho. Está frio. Vem para cá.

O menino não dava ouvidos. Então ele viu que o menino estava, assim de costas, um pouco mudado: ombros mais largos, cabelos mais compridos.

— Vem, filho.

O menino levantou-se e lentamente foi se virando. Estava diferente.

Então ele pôs os óculos, mãos trêmulas, estudou o menino de cima a baixo, lentamente.

— Você não é o meu filho.

Estudava detidamente o menino, exame minucioso.

— Não, você não é o meu filho. Ele se foi há anos.

Continuava a ajeitar os óculos e a estudar o menino:

— Você sabe por onde ele anda?

(Fortaleza, 22/09/2004 – às 17:00 hs).

A Verdade da Vida

Sempre que eu a via, palpitava. Ela, porém, lá, na casa dela, distante, e eu aqui, do outro lado do açude. Só quando nos cruzávamos na estrada trocávamos sorrisos. E minhas noites se incendiavam de pecados, pensando nela.

O açude era o meu fascínio, nas manhãs ensolaradas. Banhos longos, nu em pêlo, a calça curta e a blusa sem botões, chinelos em cima, à minha espera.

Mas aquela noite enluarada foi um chamamento irresistível. A lâmina do açude ali perto, espelhante.

Corri para lá. Livrei-me da blusa solta, da calça curta, entrouxei-as debaixo dos chinelos. Nu, sentindo o ventinho bom, entrei na água fria e nadei, fui, voltei... e vi.

Ela chegava à beira do açude. Tirou o vestido leve pela cabeça, desceu a calcinha, livrou-se das sandálias, fez uma pequena trouxa ao lado da minha.

Não entrou na água. Ali em pé, pele morena banhada pelo luar, o ponto negro na junção das coxas, seios novinhos olhando para mim.

Sem uma palavra, caminhei na sua direção, pinga-pingando, olhos nos olhos, respirações apressadas.

Num repente, num gesto só, abraçamo-nos, querendo nos devorar. Rolamos sobre nossas roupas, girar que chegava à beira d'água e voltava.

Nessa noite enluarada libertei-me dos pecados e descobri, fascinado, a verdade da vida.

(Fortaleza, 23/09/2004 – às 17:30 hs.)

O Início

Com uma barra de ferro na mão e o revólver escondido debaixo da camisa, meio trêmulo, e, para criar coragem, cheirou duas pedras de *crack*.

Mais eufórico, escondeu-se atrás da árvore, naquela hora não muito tarde da noite e esperou. Passou um carro, sinal aberto. Chegaram dois, sinal fechado. Pararam. Mas lhe faltou coragem. Eram dois.

Pensava em procurar outro ponto quando lá veio um carro, vidros fechados, parou com o vermelho do sinal. Correu rápido, espatifou a janela ao lado do motorista. Era uma moça nova, que se apavorou.

Apontou o revólver para os olhos dela:

— Pra cá a bolsa, rápido, rápido. Estouro sua cabeça.

A moça, trêmula, passou-lhe a bolsa, meio volumosa, de couro. O sinal abria:

— Vai, vai, senão eu te mato.

O carro partiu chispante e ele, abraçado à bolsa sob a camisa, arma grudada ao corpo e presa ao cinto da calça, andou rápido, dobrou várias esquinas. Acocorou-se à luz mortiça de um poste. Jogou tudo da bolsa no chão: objetos pessoais, agendas, chaves, documentos, dinheiro. Algumas cédulas de pouco valor na carteira e trocados soltos. Mais nada.

Meio desiludido, pôs tudo na bolsa e jogou-a na moita ali próxima. Meteu no bolso as cédulas e os trocados. As mãos tremiam.

Desnorteadado, pensou em voltar para casa. Sentia o revólver na cintura, que conseguira com um amigo, e pagaria pelo empréstimo. O que conseguira mal daria para isto. Haveria de conseguir um só para ele.

GRAMÍNEAS

Gostou da sensação por que passara. Ainda sentia um friozinho na barriga. Era a primeira vez.

Tomou o caminho de casa. Suspirou confiante. Como início até que não se saíra mal.

Melhoraria.

(Fortaleza, 24/09/2004 – às 19:00 hs).

Capão de Mato

Ele a apanhou na beira da estrada. Pedia carona. Novinha, magrinha, apertada na blusa de meia e nas calças compridas esburacadas, bem em moda. Sandálias e uma pequena sacola. Pensou em não parar. Podia ser uma cilada, que não se confia mais nem nos menores de idade. Mas o impulso de tê-la ao seu lado foi maior.

Ela entrou, acomodou-se, sacola nas pernas. Sorriu, um sorriso quase infantil. Reclamou que há quase uma hora estava pedindo carona.

— Obrigada.

— De nada. Vai até aonde?

— O senhor quer saber mesmo?

— Claro.

— Pra lugar nenhum. Estou vendo se ganho algum...

— Ah, compreendi...

— Se o senhor gosta, escosta o carro no mato e a gente brinca. O senhor topa?

— Essa é a sua vida, menina?

— A gente se vira. Tá difícil...

— E doença? É um perigo.

— Eu só brinco. Brincando, fico até nua.

Interessou-se e, sozinho no feriado ensolarado, a caminho da fazenda, palpitou com a aventura.

— Você conhece algum lugar seguro aqui na estrada? Passa muito carro.

— Lá adiante tem um capão de mato. Mato fechado. Pode entrar lá.

— E depois? Lhe deixo aonde?

— Pode me deixar num ponto movimentado da estrada. Agora, tem uma coisa...

— O que é?

— O senhor paga primeiro.

— Antes?

— Já me enganaram muito. Até bater em mim, já bateram.

— Quanto quer?

— Um dinheiro bom. Ontem e hoje não fiz nada.

Ele parou o carro. Tirou a carteira. Deu-lhe duas cédulas altas.

— Eu quero mais, doutor. O senhor pode e eu não tenho nada.

— Mais duas. Pronto. Estou dando até demais...

— O senhor vai gostar. Vai ver.

Passou-lhe a mão no rosto, nos cabelos curtos. Ela recuou.

— Aqui, não. Só lá no capão de mato.

— Tá.

Rodou, rodou e nada do capão de mato. Dez minutos, quinze, marchando para meia hora.

— Onde fica o diabo do capão de mato?

— Tá chegando.

Ele suspirou. Meteu o pé no acelerador. Foi quando ela apontou:

— É ali. Pára ali, depois do morro.

Na descida do morro, uma árvore frondosa. À sombra dela um homem jovem, passeando para lá e para cá.

— Páre. Páre.

— Aqui junto da árvore?

— É.

— É o capão de mato?

— Vá por mim...

Ele parou. Ela desceu, saiu correndo, abraçou-se ao homem, que a beijou, suspendendo-a do chão. Rodou-a nos braços e a sacola dela caiu.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

— Demorei, querido, porque foi difícil conseguir carona. O doutor aí teve a bondade de me trazer. Obrigada, doutor, pela carona. Vá com Deus.

O homem jovem também fez sinal de agradecimento:

— Obrigado também, doutor.

Acelerou o carro e partiu, mal vendo a estrada que se estirava à sua frente.

(Fortaleza, 25/09/2004 – às 10:00 hs.)

O Defensor do Progresso

— O senhor bebe muito.

— Você me conhece?

— Não. Mas estou observando.

— E com que direito está me observando?

— Direito nenhum.

— Então trate da sua vida e me deixe em paz. Ei, rapaz, mais uma geladinha!

— Mas não devia beber tanto.

— O senhor aí! É o dono do bar, não é?

— Sou.

— Então mande esse sujeito encher o saco de outro. Do contrário, encho ele de porrada.

— Deixe o freguês em paz, cara.

— Estou só aconselhando..

— Vai embora. vai. Saia do meu bar. Vai logo.

— Está bem, está bem. Era só um conselho.

— Cai fora, sujeito.

— Não estou fazendo nada. Estou só dizendo que ele bebe muito. Só isto.

— Bebo muito? Pois vou quebrar tua cara com esta garrafa.

— Deixa, deixa. Ele está saindo... Ele é louco.

— Louco, eu? Só porque...

— Deixa o freguês em paz, desgraçado. Você entrou aqui e não pediu nada. Foi logo amolando o freguês que está tomando a cervejinha.

— Só que ele bebe muito.

— Eu parto sua cara com esta garrafa, filho de uma égua.

— Acabou. Acabou. Vou embora. Paz e amor. Tchau.

Saiu pisando firme, entrou no outro bar, do outro lado da praça, escorou-se no balcão:

— Me dá uma dose dupla daquela cachaça boa.

— Você já bebeu bem umas três. Puxa.

— Ponha a dose.

— Dá uma voltinha e toma outra.

— E nunca fico bêbado. Fui até dar uma lição de moral num sujeito que está enchendo a cara de cerveja naquele outro bar. Daqui dá pra ver...

Tomou rápido a cachaça e pediu nova dose. Cuspiu no chão. E queixou-se para si mesmo, falando alto, para que os outros fregueses ouvissem:

— Não adiante levar essa gente para o caminho do bem.

Levantou à altura dos olhos o pequeno copo, ficou admirando a cor alourada da bebida, queixou-se, desalentado:

— É por isto que este país não vai pra frente.

E ingeriu a dose de um gole só.

(Fortaleza, 26/09/2004 – às 12:20 hs)

O Gorro

Entrou na minha vida num relâmpago. Um encontro casual de barzinho. Estava com uma amiga, que eu conhecia. Convidei-as para almoçarmos em outro lugar, ali era muito barulhento. A minha conhecida não pôde, mas incentivou a outra que eu via pela primeira vez:

— Estou esperando um amigo. Vá com ele. É gente boa.

Sáímos conversando e fomos para um restaurante discreto. Bebemos e bebemos, uisque e cerveja. E ela era muito novinha.

Pedi uma feijoada, que ficou praticamente intacta. E bebemos, bebemos. Nada às carreiras, sem pressa, que o fim de semana apenas começava. Bastante alegres. Ela tão novinha e eu bancando o rico.

Depois... Depois levei-a para o quarto. Desinibida, tirou o vestido pela cabeça, estirou-se de calcinha apenas, avisou-me que era virgem. Podíamos brincar.

— Tudo bem.

E brincamos, brincamos. Tudo de imaginável e inimaginável, sem penetração. Uma loucura. Nunca, em nenhuma outra ocasião, brinquei tanto com quase uma menina. Pus o seu biquíni na cabeça, como gorro, e ela ria sem parar. Cheguei ao clímax, sujando-a toda. Tomamos banho. Sáímos aos beijos e marcamos novo encontro, dia e hora bem acertados.

No dia seguinte vi-a abraçada com outro. Choquei-me.

Não apareci ao encontro, não atendi a nenhum dos seus muitos telefonemas e nem dei respostas aos seus recados.

Ela silenciou.

O tempo passou.

Entrou, na manhã chuvosa, no meu escritório. Pôs-se parada na minha frente, ar de riso, quase ironia. Demorei para reconhecê-la.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

Levantou a saia lentamente, tirou a calcinha rósea, colocou-a na minha cabeça.

— Fique pelo menos com o gorro.

E se foi.

(Fortaleza, 27/09/2004 – às 12:30 hs).

O Mergulho

Subi naquela árvore pela primeira vez. Árvore frondosa, esgalhada, vários deles deitados para o rio manso, onde tomávamos banho.

Árvore rugosa, mais que centenária. Tão velha que escavara um poço na margem do rio, onde ele redemoinhava, envolvendo várias das raízes que afloravam das águas e se mostravam emaranhadas durante o verão e as coroas de areia surgiam no leito do rio.

Ninguém tinha coragem de pular no rio saltando de um dos galhos pendentes, convidativos para o mergulho. E os que aventavam disposição para a experiência eram advertidos pelos pais e pelos mais velhos.

Um perigo. O poço fundo estava lá, silencioso, esperando.

E eu criei coragem. E fiz corajoso o amigo. Perigo nenhum. Tolicice. Era só mergulharmos, rodopiarmos nadando e irmos rio a fora levados pela correnteza.

Tiramos a roupa cedinho, para que ninguém visse. Viriam os castigos.

Do alto do galho curvo, contamos até três. O amigo recuou e chamei-o de covarde.

Pulei.

Não voltei à tona.

(Fortaleza, 28/09/2004 – às 18:00 hs.)

Unidos

Ela olhou para ele, ao lado. Lembraram-se do vôo anterior, em que não se falaram. Palpitaram pelo reencontro. Ele sorriu para ela:

— Ôi.

— Ôi.

— Estamos aqui de novo. Que coincidência...

— De fato.

— Quer saber de uma coisa?

— Diga.

— Arrependi-me de não ter conversado com você no vôo anterior.

— Eu também.

Riram-se palpitando, uma empatia muito grande entre eles.

— Você é casada?

— Não. E você?

— Também não.

Conversaram animadamente a viagem toda.

Desceram do avião de mãos dadas.

(Voando pela TAM – entre Fortaleza e Brasília – às 16:00 hs. – destino São Paulo, 29/09/2004)

Intervalo

Para descansar lendo estes contos.
(A eterna obsessão)

E quem sabe prosseguir...

O Estigma

Sentei-me no banco e pus a maleta ao lado. Poucas pessoas àquela hora da noite, na pequena rodoviária perdida no fim do mundo. Esperava a chegada do ônibus da meia-noite. Sozinho no banco. Duas ou três pessoas no outro banco, em frente. Entre nós plantas sem flores e no meio delas um pequeno aquário.

Ela chegou. Não a vi entrar. Sentou-se ao meu lado e sorriu. Pareceu-me nova, que as luzes eram fracas. Vestido leve de cor indefinida, sandálias, uma sacola. Desceu-a do ombro e descansou-a nas pernas.

Voltou a sorrir ou pareceu-me isto. Correspondi e não trocamos palavra.

Então ela se aproximou, ficou ali colada a mim, sacola do lado. Passou a roer as unhas, a examiná-las.

Permanecíamos calados. O homem, lá na bilheteria, cochilava, a cabeça bambeava e ele despertava. Ninguém passava lá fora e o tempo corria a caminho da meia-noite. Nenhum ônibus chegava ou saía.

Vi-lhe, de relance, os joelhos roliços e o começo das coxas, que a saía subira um pouco.

Gesto irrefletido, que nunca fora meu, pois me sentia melhor recolhido em meus silêncios, com a mão fria e trêmula alisei-lhe os joelhos. Juntou as pernas, prendeu-me a mão. Friccionou-a com a contração das pernas. Olhei-a palpitando e vi-lhe só o perfil. Ela mantinha os olhos baixos, como se rezasse ou os pensamentos voassem muito longe. E eu olhava neutramente as poucas pessoas do outro lado do aquário, o bambear cochilante do homem da bilheteria.

Num gesto brusco, tirou-me a mão, abraçou-se à sacola. Parados, calados, éramos dois indiferentes, ali bem quietos, acompanhando a caminhada alcançar a meia-noite.

Ela puxou lentamente o meu blusão. Foi sua vez de meter a mão entre as minhas pernas. Apertei-a, friccionei-a. Ela correu a vista pelas cabeças paradas, do lado de lá, pela cabeça bambeada, na bilheteria. Puxou a mão presa, abraçou-me ternamente, deu-me um leve beijo no rosto, um roçar de lábios, tão sutil que me senti leve e etéreo.

Voltou à posição anterior, como se rezasse ou os pensamentos voassem muito longe. Eu não a via nos olhos. Apenas que me parecia nova, a pele do rosto lisa, os cabelos negros, curtos. Nada mais, porque não nos encarávamos e as luzes permaneciam mortíferas.

Ali ao meu lado e eu sem uma palavra, uma qualquer, que me socorresse. O seu perfil dava-me detalhes, mas não me dizia tudo dela.

Aquilo afligia-me. Virei-me decidido. Afinal a minha mão caminhara em sua direção antes que a dela caminhasse na minha. Eu ia perguntar-lhe o mínimo, o nome. Ela, porém, se levantou, levando a sacola pendurada no ombro, saiu da rodoviária e se foi no escuro da noite.

Pensei em segui-la. Mas dois ônibus chegaram. O meu e outro. Alguns poucos passageiros desceram. Nenhuma lanchonete, nada. Os do banco da frente levantaram-se, o homem do guichê acordou.

Demora curta. Apanhei a maleta e dirigi-me ao meu ônibus, procurando-a com os olhos, sem descobri-la.

Quando me sentei na poltrona vi, lá fora, de relance, que ela entrava no outro ônibus. O meu partiu. O dela partiu. Caminhos diferentes. O dela perdeu-se atrás de um morro.

Ao chegar, manhã clara, pareceu-me vê-la dobrar a terceira esquina, a da minha rua, sacola no ombro, sandálias, cabelos curtos, vestido leve de cor indefinida.

GRAMÍNEAS

Os anos passaram e ao longo deles foram-me ficando suas marcas. Envelheci, que se envelhece. Mas desde aquele encontro, lá na pequena rodoviária, perdida no fim do mundo, tantos anos idos, continuou ela a dobrar em todas as minhas esquinas.

De permanente, a presença e o bafejo do único beijo.

Estigma contra todos os outros, que as santas e as decaídas me ofereceram em vão.

A Partida

À cabeceira da mesa, mãos cruzadas ao queixo, olhou para ela, cabeça baixa, calada, na outra ponta. Silêncio na sala, nas cadeiras mudas, lá fora, no tempo parado.

Ele voltou lentamente os olhos para a grande sacola ao lado, esperando. Ajeitou uma das fivelas, que não precisava ser ajeitada.

Tornou a encará-la. Continuava de cabeça baixa, examinando os dedos, as unhas, sem vê-los.

Descruzou as mãos para uma última palavra. Os lábios mal se descerraram. Tudo já fora dito. A ela restou apenas o exame das mãos, dos dedos, cabeça baixa. A ele apenas o suspiro.

Levantou-se, pendurou a pesada sacola no ombro.

Os olhos metidos nos dedos esmaltados. Ele bateu a porta. O arranco do carro, na partida rápida. As mãos dela pararam.

Ela olhou em frente. Ninguém. E nada dentro de si.

Contentou-se apenas em correr de leve, com o indicador, uma das pequenas estrias azuis da toalha.

São Paulo, 13/04/2005.

II

SEGUNDO TEMPO

Apenas algumas poesias, se poesias forem, duas delas em homenagem a duas cidades que dividiram o correr da minha vida, se homenagem for, mais um lampejo de teatro, que não chega aos pés da obra de Shakespeare, um plano para um romance a ser escrito, um esboço de novela, um conto curto para conservar a mania, uma crônica, uma historinha juvenil e até uma entrevista, que entra aqui como arremate para não arrematar nada, e – pronto – temos estes lírios, não do campo, mas do restolho da minha gaveta. Uma das gavetas apenas. As poesias, se poesias forem, serão as gramíneas mais enraizadas do caule da ceifa. Talvez por isto dei-lhes melhor destaque.

A minha arte escrita, como hão de ver, alcança todos os gêneros. Poderia acrescentar um pequeno ensaio sobre esta diversificação literária, mas, parodiando o comediante cinematográfico Bob Hope, a modéstia me impediu de escrevê-lo.

Por que vêm a público? Deu-me na veneta. E também porque – quem sabe... – nas minhas muitas outras gavetas, pacotes e pastas (que o entulho é grande) durmam criações à espera de serem resgatadas, e que, vindas à luz, transmudem-se de restolho em lírios, para enfeitarem um pouco as veredas da minha caminhada, que já começa a se cobrir de espinhos.

Tudo é possível.

Até o impossível.

*Todos nascem poetas
e sem poesia todos morrem*

*Esta a minha filosofia lapidar
para que outros a lapidem melhor*

Lapidem

lapidem

lapidem

*E se ao lapidarem tanto
em espiral de pó me tornar
deixem-me solto ao vento
que lapidado estarei*

Um professor da minha juventude
assim ofereceu um dos seus livros:

Ao espírito que não tomba

Sou mais generoso:

Aos espíritos que tombaram

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

aos olhos dela

O poeta descobriu que Deus é triste.

Uma metáfora, um achado poético?

Não, não.

É que, de certo, Ele se pôs a pensar diante da pergunta do

Poeta:

— E agora, José?

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

I

Caule

“Eu sinto em mim o borbulhar do gênio...”

Castro Alves

Folhas

O som deste pingo
rebrilha
a folha caída
e quebra o mistério
de vê-la ao vento

outro pingo
em som de segundo
na folha que cai
refaz o mistério

Fugaz é revê-la
no vento que vai

São Paulo, 22/02/2003

às 21:30 hs

Unção

Do passado me vieste
ao presente chegaste
mas não completaste o caminho
até ao ponto esperado
para não se fazer o retorno

E a minha caminhada tão longa
da minha estafante ida
da áspera e sofrida vinda
dispersou-se aos ventos

Indispensável a busca
continuada tempo em fora
para que o elo
desfeito
se torne novo elo

Só assim os nossos passos
em plumas se transformarão
e eu bendiga ao meu coração
e tu bendigas ao teu

E comunhão divina
sepultará
o que nos restou da morte
do apagar dos meus dias
do apagar dos teus

São Paulo, 29/11/2002

O Gesto

É tão marcante a presença
do homem ali na calçada
coçando o queixo
nada olhando
que a minha inveja se duplica
ao vê-lo placidamente ilhado
dono de si ou de nada

Do alto desta janela
me sinto assim humilhado
por não me ocorrer o gesto
que a ele ocorreu
de apenas coçando o queixo
alcançar a rua a cidade o mundo
tornar-se sutil essência
de toda a humanidade

*São Paulo, 19/11/2002
às 9:10 hs*

Esperança

Do meu peito se fez chama
negra rubra crepitante
maior que a esperança
adormecida
E ressoa nos triângulos
em que piso
o ruído agônico dos meus passos
É que a ardente flama
negra rubra crepitante
em gótica espiral
sinaliza do céu da minha vida
reflexos
tremulantes treliçados
das eternas cambiâncias mortas
da esperança adormecida

Post-scriptum

Se eu pudesse
dar adeus às almas
jogaria aos ventos as minhas queixas
e mandaria um beijo à moça bonita
que passará à minha janela
Mas nem assim me sentiria um deus
e nem do demônio me aproximaria
Apenas sairia a esmo
e pararia numa esquina
depois rezaria uma prece
aos meus fantasmas
que de mim fugiriam
em pânico
e me deixariam só
jogado na vala acolhedora da sargeta
com a velhice que se renova
e se remoça
nos meus apelos de vida
Cochilaria no ocaso
se eu pudesse
às almas dar adeus

São Paulo, 17/11/2002

Distância

Mas que distância é esta
que me toma de surpresa
e mostra quanto longínquo
estou eu mesmo de mim?

Talvez este deserto frio
sem aragem no coração
seja a eterna porta aberta
que dentro de mim se fecha

Quem sabe um corcel qualquer
galope pelos quadrantes
sinalize-me a vida
e eu de nada perceba

Mas que distância é esta
em si mesma fugidia
que me fadiga os sentidos
em estafante corrida?

E me flagela no círculo
do qual jamais sairei?

*São Paulo, 26/10/2002
00,20 hs. do novo dia que começa*

Porto

Lá longe
pelos caminhos
das aventuras sonhadas
Lá longe
nas despedidas dos adeuses sofridos
Lá longe
nas minhas miragens
de horizontes azuis
Lá longe
tão longe
que de mim me perdi sozinho
ponto impreciso de tudo
do que não fui e não serei
Lá longe
de tanto amor esquecido
Lá longe
tão longe
nada mais visualizo
porque aqui aportei

*Fortaleza, Ceará, 21/10/2002
às 21:45*

A Rosa

*“Que importa a mim que a bicharia roa
Todo o meu coração, depois da morte?!”*

Budista Moderno – Augusto dos Anjos

Maria me dá a rosa
que voou dos teus cabelos
em nuvem de vendaval
dispersa em pétalas soltas
que recolho em aflição
E quieto bem quieto
as pétalas no coração
ti pedirei um beijo
e ao Poeta a sua bênção
para que não me importe
que a bicharia roa
o que de mim me reste agora
e não só depois da morte

*Fortaleza, Ceará, 21/10/2002
às 21:55 hs*

Súplica

Joguem-me às cinzas
dispersem o que sobrar
do núcleo da minha memória
só assim serei
anti-essência do não-ser
e me tornarei
infinitamente sem fim
e leve
muito mais leve
que o peso de Deus

São Paulo, 21/09/2002.

Vida

As dores são passageiras
Passam as dores com a vida
A vida com dores vai
Do nada antes da vida
Ao nada que vem depois
Vive a vida eternas dores
Em todo o palmilhar da vida
Caminham sofridas dores
Na vida sem dores a antívida
A vida é aura de dores
São dores passageiras
Passageiras que da vida são
No jogo das palavras mudas
Vou jogando o jogo da vida

São Paulo, 28/07/2002

23 horas (domingo)

Livro

Silêncio na noite
para que versos
se perdido me vejo
neste meu universo
de livros calados
na docilidade da oferenda?

Em tédio me fico
sem ânimo no manuseio
de gratidão aos caminhos
que me abriram sem fim
e que ao longo da vida
em vão dispersei

Humildes austeros
quietos silentes
postura de eternas dádivas
para isto nasceram
para isto vivem
para isto viverão

Não se resguardam ao carinho
de um simples correr de olhos
de um simples correr de mão

Serão eles sempre eles
prontos como estarão
de se darem por inteiro
às mãos que os acolham
aos olhos que lhes cheguem à alma

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

E mostrarão a que vieram
E desvendarão os eternos enigmas
que dentro deles estão

São Paulo, 29/07/2002
às 00:30 hs (segunda-feira)

Apenas

Cantei o meu canto
sem alma e sem lira
ouvi os tropéis
fugindo ao vento
talvez ressonância
de loucos momentos
de tantas baladas
que longe se vão
ao morrer das horas
e me deixam perplexo
da verdade sofrida
de que não cantei
e jamais cantarei
o silêncio perpétuo
que cala em mim mesmo
sem alma e sem lira
que vem de tão longe
da infância perdida

São Paulo, 7/06/2002

às 20:30 hs

Procura

Não é manhã
Não é tarde
Não é noite de lua
Não há sol
Não há chuva
Tudo em mim flutua
Não é levitação
Não é nada
É busca desesperada
De um poeta à deriva
À procura de um verso
Grandiloqüente
Transcendente
Infinito
Enormemente feliz
Para que cosmicamente eu detone
O poema que nunca fiz.

São Paulo, 25/05/2002

Sabiá

Flora e fauna
no asfalto que se afunila
e se perde no horizonte
deste vasto descampado

O sabiá ali no galho
sozinho
na árvore sozinha
mudo o seu cantar na soalheira

O meu indicador em parêntese
é o chamamento
para o seu pouso suave
pequenas garras acariciantes

Recordo a paisagem antiga
aqui mesmo neste chão
os cantos bem orquestrados
as florações permanentes
o murmurejar cristalino
coleante entre as folhas

E ele ali em meu dedo
olhando olhando olhando
a devastação sem fim
no asfalto que se afunila
nada mais além da árvore
solitária e sem apelo
e em olhar de passarinho

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

talvez de aflito socorro
soltou o sofrido canto

Fortaleza, Ceará, 19/02/2002

Indecisão

É nestes momentos
de calma e indecisão
que vem do fundo da alma
este rancor medonho
que me devora
me dilacera
e me detem indeciso
em busca de solidão

Mas eis que a flor colhida
do passado tão distante
me entenece me olha
me encara e me beija
agulhoa-me à velha cadeira
e só me traz aos olhos
estas lembranças retidas
que me afligem e me levam
a deixar para depois
a solução necessária
eternamente adiada

Fazenda Pau Caído, Ceará, 12/02/2002.

Ternura

Não é preciso que a morte
se vista de tanta ironia
e me disfarce esta dor
A chuva o tempo que passa
a palavra neste instante
precária inconseqüente
vontade de estar sozinho
vejo as mãos da minha mãe
tal como vejo este verso
que nada tem com o tempo
longe antigo tão desfeito

Ah aquela paz de Fortaleza
aquele amor que não retorna

Parece que vejo meu pai
a rua a luz o oitizeiro

Se a vida me encanece
se estou neste repouso
tão plácido e tão sereno
como a carícia se foi?

São Paulo, 27/05/94.

Louvação

Louve a Deus
por nós
que a tarde é pobre

Louve a mim
a ti
na desesperança sem luz

E a cadeira ali perto
usada
sofrida
sempre à espera
e sem ninguém que a louve

São Paulo, 23/06/94

Posse

Ela abriu os braços em oferta de prece
esperou
ele aceitou a oferta como uma subida aos céus
a flor negra orvalhada rebrilhou em diamante
e a lágrima da sua essência
espargiu-se no túnel latente e pulsante

Ela acolheu a dádiva
e se sentiu divina
ele fechou os olhos
em descida lenta
e a deixou em paz
porque a sua lágrima
e a pérola oculta que a esperava
uniram-se em prazer total
Ele a divinizou
e a sacralizou mulher.

São Paulo, 16/05/2004

Acordes

Sou eu que falo
nas notas mudas desta sinfonia
Sou eu que sinalizo o meu futuro
no dedilhar de toda esta magia

Eis que o pranto é leve e passageiro
e as gotas morrem
como morrem as horas
no sopro fugaz
do desencanto e da alegria

O que me agasalha
é o que me mostra o pêndulo
em pingos lentos que acompanham os dias
e me transmuda todo o meu espanto
em acordes vãos
que não apaziguam
a mágoa sentida
agora
neste dia

São Paulo, 21/05/2005

II

Duas Cidades

*“Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.”*

Camões

Fortaleza

De ti, o que dizer, Fortaleza?
O que valem palavras?
Tão nulas.
Abri os olhos no teu seio,
que acolheu o meu suspiro.

Dizer o que de ti,
se te integraste à minh'alma,
és essência de mim mesmo?
Trocaríamos palavras mudas.
O silêncio é a solução.

Todos cantam sua terra...
Como vou cantar a minha
se eu cantaria a canção eterna
que vive dentro de mim?

São Paulo, 04/12/2002

São Paulo – Ontem/Hoje

São Paulo dos meus amores...
— De onde o chamado lírico?
Paulicéia desvairada...
— De onde a perplexidade?
São Paulo dos viadutos...
— De onde a quase canção?
Debruçado ao parapeito
o formigueiro no chão
olhos na perfilada floresta
de prédios parados silentes
eu me perco em devaneios
o pombo pinça farelos
na palma da minha mão
Eu me vejo no passado
eu me vejo no presente
longe os dias perdidos
na São Paulo tiritante
enregelada de frio
agasalhada de garoa
E esta São Paulo ante meus olhos
e o pombo que não vem
e os farelos dispersos
e os prédios enegrecidos
no sarcófago da fuligem
do passado ao presente
da São Paulo tiritante
à São Paulo sufocante
bailam-me no tempo e no espaço
interrogações tão presentes:

GRAMINEAS

São Paulo dos meus amores...
— De onde o chamado lírico?
Paulicéia desvairada...
— De onde a perplexidade?
São Paulo dos viadutos...
De onde a quase canção?
É nunca esperar respostas
desnecessárias que são
interrogações tão eternas
na alma dos prédios neutros
cercados de passos alucinados
que me acompanham pelas ruas
do passado ao presente
da mocidade nas frias noites
aos meus passos já cansados
pulsam-me sempre na lembrança
aguilhoam-me à engrenagem
eternizam esta cidade
comovem o meu coração

São Paulo, 19/03/2001.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

III

Teatro Elíptico

*“To be
or not to be
That is the question...”*

Shakespeare

Túnel do Tempo

Ele – Vossas madeixas, tão lindas...

Ela – Vós achais?

Ele – Crede-me.

Ela – Não estareis mentindo?

Ele – Jamais. Juro aos vossos pés.

Ela – Valsemos então.

Ele – Valsemos.

Ela – Não me aperteis tanto. Mamãe nos olha atrás do leque.

Ele – Desculpai-me.

Ela – Sinto que estou girando, girando, girando, entrando num túnel veloz.

Ele – Igual é a minha sensação.

Ela – Urra. Onde foi que a gente se meteu, Zeca?

Ele – Sei lá. Coisa mais esquisita...

Ela – Tu gostou?

Ele – Pacas.

Ela – Vambora rodar outra vez?

Ele – Claro. Vem cá, nega.

(rodopiaram, rodopiaram, rodopiaram...
ninguém soube mais deles.)

IV

Plano para uma novela

“Sentem-se num mar de rosas e abençoados por Deus”.

Do texto

Quatro Minutos

Esboço de trabalho para uma novela, a ser escrita seguindo este roteiro:

Ronaldo, a caminho do trabalho, vê *Rosinha* desbruçada na janela e sorri.

Rosinha, debruçada na janela, corresponde ao sorriso dele.

Namoram. Apaixonam-se. Ele do lado de fora, na rua, ela debruçada na janela.

As duas famílias aprovam o namoro.

Noivam, casam e não param de trocar beijos e mais beijos.

Ela se sente felicíssima.

Ele se sente felicíssimo.

Vem o primeiro filho. Um menino lindíssimo.

Vem o segundo filho. Uma menina lindíssima.

Tiram um retrato da família, ambos sorrindo.

Ronaldo, com *Ronaldinho*, o filho, no braço.

Rosinha, com *Rosinha*, a filha, no braço.

Sentem-se num mar de rosas e abençoados por Deus.

A novela termina com os quatro sentados num banco de jardim florido.

Receberá o título de *Quatro Minutos*, porque a novela terá uns quatro quintos do tamanho da novela *Cinco Minutos*, de José de Alencar.

V

Plano para um Romance

*“Dono de fazendas produtivas e improdutivas,
verdadeiro latifundiário.”*

Do Plano

Tragédia Humana

Plano de trabalho para um romance (em duas partes), a ser escrito, seguindo este roteiro:

Primeira Parte

Doutor Fausto Meireles Quandoquero – Rico, muito rico, com milhões de dólares voando nas Bolsas e muitos depósitos em paraísos fiscais. Dono de fazendas produtivas e improduti-vas, verdadeiro latifundiário.

Marília Delfina Noveleira – Filha de dono de rede de su-permercados, metido em muitos negócios espalhados pelo país e fora dele. Não faz nada e assiste muitas novelas nas televisões.

Vivinha – Filha do casal acima, muito bonita. Meteu-se em tudo: do balé às artes plásticas, da poesia à música. Não ven-ceu em nenhuma dessas artes e vive viajando e passando noita-das em boates.

Paulinho – Rapaz bonito, também de família abastada, raízes genealógicas de quatrocentos anos (segundo ele). Não ter-minou nenhum curso. Falador e muito vivo.

Segunda Parte

Vivinha casa-se com Paulinho. No começo, tudo um céu de brigadeiro. Depois as brigas constantes. Não tiveram filhos.

Doutor Fausto – Descobriram as suas trambicagens. Ex-portava drogas. Vinte e dois processos em cima dele. Que não andam. Acaba assassinado por um concorrente.

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

Marília – (a esposa) – Torna-se alcoólatra e desvairada. Amanhece morta. A fortuna de ambos vai água abaixo.

Vivinha – Descobre as amantes do marido.

Paulinho – Descobre os amantes de Vivinha.

Discussões escandalosas dos dois. Ela pega o revólver na gaveta. Ele saca o dele. Atiram um no outro. Ambos morrem.

O romance – *Tragédia Humana* – acaba por falta de personagens vivas. Obra de fôlego, para umas trezentas e cinqüentas páginas.

VI

Conto

*Um conto é um conto é um conto
Nunca será uma rosa.*

Meio Copo, apenas

Sempre que bebia era certo vir bater-lhe à porta. Entrava, sentava-se, apontava para o bar em frente:

— Ainda dou três tiros naquele filho da puta.

— Calma, rapaz. Esquece.

— Esquecer? Não me vender fiado meio copo de cachaça...

Isso é despesa, é? Diga?

— É a norma dele. Não fia para ninguém.

— Não fia uma porra.

— Não fia. Todo mundo sabe.

— Pois vai conhecer a minha norma: três, no meio da testa.

— Quer um café? Querida!

Tomava um gole grande, dois, acalmava-se, abotoava a camisa, lamentava-se um pouco:

— Estou sempre dando trabalho a vocês.

— Que nada. E esquece, esquece de uma vez o dono do bar.

Conversava sem parar, levantava-se, despedia-se:

— Bem. Já vou. Obrigado. Sua mulher é uma santa. E você um amigão.

— Volte sempre. Mas tire da cabeça o dono do bar. Faça de conta que ele não existe.

No escurecer chuvoso ele voltou. Bateu, bateu, bateu, a casa fechada. Do outro lado da rua o bar fervilhante. As muitas gargalhadas e as luzes fortes ampliaram-se nos seus ouvidos e nos seus olhos, explodiram-lhe na alma.

Marchou para lá, camisa desabotoada, indiferente aos carros que buzonavam e dele se desviaram em derrapagens chispantes, pingos de chuva caindo e descendo sobre o brilho metálico na cintura.

— Vou lá.

VII

Crônica

*Tantos cronistas a enfrentar...
E eu só tenho estas **alças**...*

Alças

Sempre me assustaram, desde quando vi o primeiro caixão funerário, aquelas alças. Vi muitas e até ajudei a carregar mortos, queridos ou não, à tão esperada última morada, (expressão que na infância me assombrava), segurando uma alça. Mas as alças, douradas, prateadas, ou de que fossem, assustaram-me sempre. Não que eu tenha medo da morte. Ela tem que vir, pois que venha. Tenho medo das alças. Não me assusta o caixão. O morto, amigo ou não, está morto. O ambiente no morgue, silente e com aquele ar meio pesado de velas acesas e cumprimentos quantas vezes hipócritas, apenas me entedia. Às vezes parte-me o coração se o choro é calado e sentido. No caixão, se for possível, farei como Noel: sapatearei em cima dele, porque o morto está morto e aquele móvel é necessário aos que não optaram pelas cinzas dos crematórios.

O que me assusta são as alças. Um punho de uma rede, tudo bem. Mas alças... nem pensar. Sempre temi que elas se despregassem e levassem o morto ao chão. Pode até ter acontecido algumas vezes. Mas nunca presenciei isto.

Seria interessante se no meu caixão, se de caixão eu for desta para melhor, ou pior, as alças se soltassem, todas se soltassem de um vez, e eu, sem dores, que as dores já se foram, me esborrachasse no chão de pernas para o ar, se ainda não enrigessido. Não seria o máximo? Pena que eu não assistiria ao espetáculo.

Seria também uma maneira de ser presenteado pelas alças, que me mostrariam o seu desprezo. O diabo é que, embora presente, eu não assistiria a tragédia que tanto esperei para os outros ao longo da minha vida.

Fortaleza, 19/11/2003.

VIII

Literatura Juvenil

*“Quando a mão de luz da lua
pelo chão da nossa rua...”*

Jorge Faraj
(compositor popular)

Luar

Lilico trepou-se na janela e ficou olhando admirado a lua, que parecia uma bola grande e luminosa, correndo no céu. Corria, corria, e nem saía do lugar. Era como se estivesse parada e correndo.

Nunca tinha visto a lua assim tão bonita, tão grande, parecia branca e amarela, linda, linda, banhando de luz o céu e a rua.

Chamou o Pedrinho, que brincava de bola na calçada em frente. Queria mostrar a ele a beleza da lua, lá no céu correndo e sem sair do lugar.

Enquanto Pedrinho se aproximava, chutando a bola, a lua se escondia dentro de uma nuvem muito grande e a claridade desaparecia. A luz do poste ficou sozinha, clareando o quarteirão.

Pedrinho pôs o pé em cima da bola e perguntou:

— O que é, Lilico?

Lilido apontava para a lua e ela não aparecia. Aí ele falou para o Pedrinho:

— Apagou.

São Paulo, 23/02/2004.

IX

Entrevista com o Autor

*A palavra é prata.
O silêncio é ouro.*

Ditado popular

Entrevistador (E) e Autor (A)

E – Além de oferecer o livro “aos espíritos que tombaram”, o senhor o ofereceu também “aos olhos dela.”

A – Exato.

E – Quem é ela?

A – (silêncio)

E – Alguma figura do passado?

A – (silêncio)

E – Alguém de quem nunca mais esqueceu?

A – (silêncio)

E – O senhor escreveu que juntou tudo isto porque lhe deu na veneta.

A – (silêncio)

E – Por que não escreve alguma coisa sobre ela e os olhos dela?

A – (silêncio)

E – Seria interessante, não?

A – (silêncio)

E – Obrigado.

A – Tudo bem.

São Paulo, 24/02/2004.



Impressão e Acabamento:

Gráfica Scortecci

Telefax: (11) 3815-1177

www.graficascortecci.com.br

grafica@graficascortecci.com.br